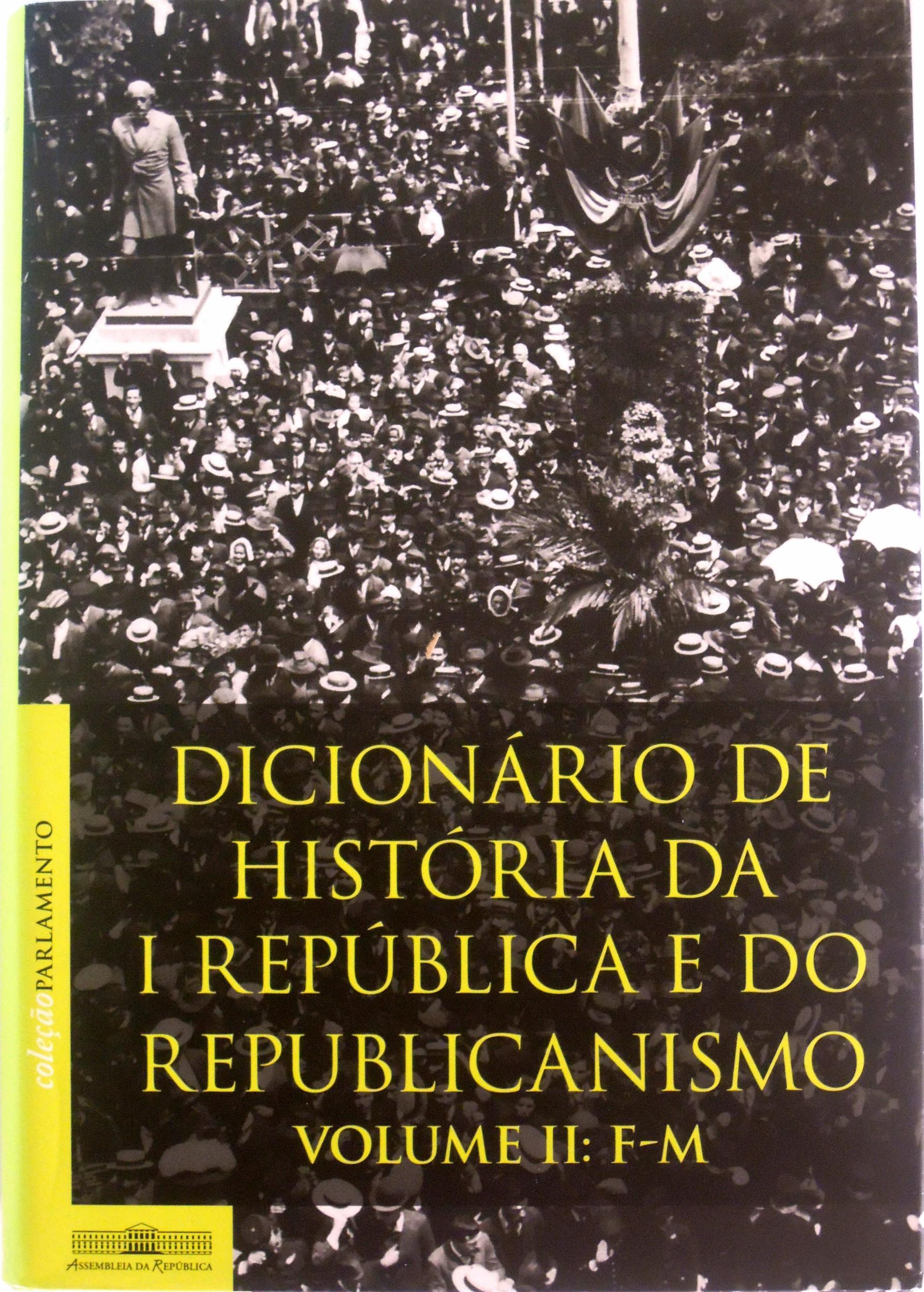


coleção PARLAMENTO



DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DA I REPÚBLICA E DO REPUBLICANISMO VOLUME II: F-M



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

indústria farmacêutica portuguesa, que teve a oportunidade de colmatar a falta de produtos de origem alemã. Neste contexto, surgem os Laboratórios Sicla em 1915, ocupando um segmento de mercado livre, em virtude de conhecidas vicissitudes da I Guerra Mundial. Também é de assinalar, em 1918, a criação da Farmácia Central do Exército, uma entidade do Exército, muito importante no desenvolvimento da indústria farmacêutica portuguesa, tendo sido mesmo pioneira deste setor. Entre as indústrias farmacêuticas fundadas durante a I República assinalem-se o Laboratório Sanitas (1911?); os Laboratórios Davita (1912); os Laboratórios Sicla (1915), o Laboratório Farmacológico de J. J. Fernandes & C.ª (1918?); o Laboratório Andrade (Lisboa); Laboratórios Sano (1918); o Laboratório Saúde (1919); Laboratórios JABA (1919), Laboratórios Ibis (?), a Vitália (1919?); a Sociedade Industrial Farmacêutica (1923); os Laboratórios Bial (1924); Laboratórios Lux (1926), os Laboratórios Sigma, os Laboratórios de Biologia e Quimioterapia do dr. Seixas Palma (início dos anos 20).

Bibliografia: DIAS, J. P. Sousa, *A farmácia em Portugal. Uma introdução à sua história. 1338-1938*, Lisboa, Associação Nacional das Farmácias/Inapa, 1994; PITA, João Rui, «Sanitary normalization in Portugal: pharmacies, pharmacopoeias, medicines and pharmaceutical practices (19th-20th centuries)», in ABREU, L. (ed.), *European health and social welfare policies*, Brno, Brno University of Technology-Vutium Press, 2004, p. 434-453; PITA, João Rui; PEREIRA, Ana Leonor, «A Europa científica e a farmácia portuguesa na época contemporânea», in *Estudos do Século XX*, 2, 2002, p. 231-265.

[João Rui Pita e Ana Leonor Pereira]

INDUSTRIAS

Durante o período da I República, o termo «industrial» designava todo o indivíduo «que pertence à indústria, que procede da indústria, que se ocupa da indústria», sendo esta atividade definida como «o conjunto de operações que concorrem para a produção de riqueza» ou como a «habilidade para executar um trabalho manual» (LEMOS, 1900-1909). Apesar desta definição ser socialmente muito abrangente, o termo industrial foi utilizado pelos indivíduos de forma restrita como atributo de identificação social. Uma amostra de cerca de cinco mil registos de casamento, efetuados nos períodos 1911-1913 e 1925-1927, nos concelhos da Figueira da Foz, Barreiro, Setúbal e Évora, mostra-nos uma ocorrência desse título socioprofissional que variou entre três e sete por cada mil indivíduos. Também no Porto, considerada na época uma cidade industrial, o seu uso coeve nos censos eleitorais foi excepcional, muito embora aumentasse nas primeiras décadas do século (CRUZ, 1999, 176). O mesmo se verificou nos cadernos eleitorais eborenses que, na altura em que se constituiu a Associação Industrial na cidade (1911), registavam apenas a existência de quatro industriais. Ora, este número duplicou nos finais da I Guerra Mundial e, em 1926, registavam-se já 34 industriais. Em 1930, temos 47 casos e, uma década mais tarde, 111 (GUIMARÃES, 2006, 362), ou seja, registou-se um aumento no uso deste título, sem qualquer correspondência visível no crescimento do parque industrial.

Fernandes, Ana Lúcia – 675-679
 Fernandes, José Manuel – 65-66; 717-722;
 779-780; 787; 1013
 Ferraz, Amélia Ricon – 799-805
 Ferreira, Emília – 780-781; 1059-1065
 Ferreira, José Medeiros – 412-415
 Freire, Dulce – 452-453
 Freire, João – 766-774; 895-899

G

Garnel, Maria Rita Lino – 522-523;
 688-689
 Graça, Luís – 464-465
 Guimarães, Paulo – 100-107, 444-449;
 624-628

H

Henriques, Raquel Pereira – 783-784

J

Janeiro, Helena Pinto – 791-792

K

Kumar, Rahul – 520-522

L

Latino, Catarina – 272-273
 Leal, Ernesto Castro – 42-47; 72-74;
 181-182, 184-189; 357-360; 478-479;
 516-517; 672-673; 673-675
 Leandro, Sandra – 1079-1082
 Leite, José Guilherme Reis – 728-729;
 796-797; 1003-1004
 Leite, Rita Mendonça – 400-402; 931-935;
 1046-1049
 Lopes, António – 179; 183; 731-740;
 740-741; 741-744
 Lopes, Fernando Farelo – 664-665
 Lopes, Maria Antónia – 935-941
 Losa, Leonor – 1096-1103

M

Madeira, João – 198-201; 593-594
 Magalhães, Justino – 758-761
 Mântua, Ana – 708-709; 712-713; 757-758;
 852-857
 Marcos, Daniel – 107-111
 Marques, Isabel Pestana – 160-169
 Marques, Tiago Pires – 55-57; 888-895

Martins, Fernando – 1002-1003; 1004-1006
 Martins, Jorge Carvalho – 545-553
 Mata, Maria Eugénia – 88-90; 226;
 254-255; 268-271; 340-344; 492-496;
 500-503; 567-568; 646; 906-909

Matias, Maria Goretti – 396-400

Matos, Álvaro de – 379-383

Matos, Sérgio Campos – 282-290

Melo, Daniel – 649-653

Mendes, José Amado – 1074-1079

Menezes, Filipe Ribeiro de – 948-951

Mesquita, Marieta Dá – 781-782

Miranda, Paula Cristina – 524-527,
 528-539

Moniz, Gonçalo Canto – 660-664

Morão, Paula – 983-985

Mota, Luís – 1041-1042

Moura, Lúcia de Brito – 744-746

Mourão, Alda – 647-649

N

Nascimento, Augusto – 424-431

Navarro, Bruno J. – 137-138; 141-144;
 752-754; 1039-1040

Nery, Rui Vieira – 16-21; 1104-1113

Neto, Maria João – 571-572; 1030-1039

Neto, Vítor – 127-131; 275-276; 573-577;
 628-630; 630-639

Neves, Olga Iglésias – 967-975

Novais, Noémia Malva – 83-85; 184-189

Nunes, Ana Bela – 339-340

Nunes, João Paulo Avelãs – 875

Nunes, Maria de Fátima – 439-442

Nunes, Teresa – 21-23; 276-278; 279-280

O

Oliveira, Leonor – 330-333; 985-989

Oliveira, Pedro Aires – 929-931;
 1006-1007

P

Palácios, Diego – 221-225

Pereira, Ana Leonor – 443-444; 793-796;
 797-799

Pereira, Conceição Meireles – 335-339

Pereira, David – 38-39; 91; 135-136;
 755-756; 789-790; 849-850; 923-927;
 1009-1010

Pereira, Joana Dias – 34-38; 41-42; 361-365